

**Rosa-canina** De tempos em tempos, o escritor que protagoniza este relato sofria ataques de pânico aparentemente sem motivo. Em determinado momento chegou à conclusão de que eram estados propícios para poder escrever de maneira correta. Passava longas noites de insônia imaginando as situações mais funestas. A morte violenta do Amante Outonal. Ser expulso novamente do consultório do doutor Zumfelde. Horas de vigília e de sono entrecortado enquanto a vida não se alterava a seu redor. Vendo-se obrigado a buscar a mesa de trabalho como único refúgio capaz de diminuir sua angústia. Durante esses períodos, caminhava como de costume por avenidas abarrotadas de gente. A perna adornada com pedras artificiais, com o passar do tempo, incomodava cada vez menos. Pegava o metrô sem saber se iam funcionar os mecanismos que tornariam possível a sua volta à superfície. Sabia que nos pontos altos de sua angústia, um milhão de atividades se desenvolviam ao seu redor. Era difícil considerar a cidade em que morava como a sua própria cidade. A situação perfeita para se sentir parte ou não daquele turbilhão. Para acreditar que era um habitante, mas também um explorador. Descobrimos dia a dia uma série de costumes, de ruas desconhecidas, sentindo-se como se estivesse quebrando alguma regra ao atuar como um cidadão comum e corriqueiro. Uma das características que ia tomando a cidade era a de que ficava cada vez mais claro sua conversão numa cadeia de povoados sobrepostos. Pequenas comarcas encerradas em si mesmas. Autossuficientes. Era por isso que muitas vezes os habitantes não se deslocavam grandes distâncias. O escritor vivia agora num pequeno estúdio localizado na zona central. Foi construído atrás de um edifício alto, incrustado no meio de um quarteirão. Era um recanto de paz entre tanta agitação. Ali permaneciam, ele e sua angústia, alheios à maioria das coisas que se desatavam ao seu redor. Ninguém tinha que ser testemunha de seu desânimo. Ele, sozinho frente às palavras que deveria criar. Todo o resto, o tráfego humano, o avanço de diferentes culturas, tudo era percebido apenas como um vago rumor. De vez em quando cruzava com outro escritor. Cumprimentavam-se com cortesia e cada um seguia o seu caminho. O escritor observava o outro desaparecer por detrás de algum muro repleto de textos escritos clandestinamente e de grafites que surgem ali ninguém sabe como. Textos que parecem dizer coisas como Minha mãe é minha namorada ou Queria ser mais jovem e doidão. Mas essa situação, a de perceber tudo como um vago rumor, não faz com que se sinta totalmente arrancado do que o cerca. Ele tem, como sabemos, sua investigação sobre estranhas condutas sexuais, seus Altares esporádicos, suas visitas à mesquita da cidade. O espaço urbano, de realidades sobrepostas, parece admitir com naturalidade a coexistência desses mundos. Ele não acredita que exista outra cidade em que tudo isso

seja possível de forma tão determinada. Que permita a oportunidade de transitar por caminhos paralelos sem que se cruzem em nenhum momento. Essa situação permite, além do mais, que ele possa manter intacto, sem maiores interferências, seu espaço de criação. Exatamente isso gera a oportunidade de buscar uma série de solidões que ao mesmo tempo se apresentam simultâneas e separadas entre si. Ainda que o escritor sinta, de vez em quando, que terminará aniquilado justamente pela existência desses mundos. Isso acontece sobretudo quando a angústia tinge tudo ao seu redor. Quando os temores se dilatam e ele sente que o monstro que o circunda é verdadeiramente inapreensível. A imagem de uma rosa-canina lhe parece a mais adequada para descrever um estado de semelhante natureza. É, então, quando decide ir a uma das zonas de imigrantes próximas à praia e ao gigantesco e decadente parque de diversões. É nesta área que descobriu que, na Rússia, a montanha-russa é chamada de montanha-americana. Ele vai direto para onde um homem cego instalou, num pequeno quarto de um prédio em ruínas, seu salão de massagens. Como nesta região o metrô se eleva até a altura de um segundo andar, o escritor pode observar, através da surrada cortina com que o homem cobre a janela para evitar olhares indiscretos, dos passageiros do trem, principalmente, dos milhares de passageiros que passam a poucos metros, enquanto ele despe a sua perna e sua roupa. Naquele espaço cabem apenas o cego e uma mesa coberta com um lençol manchado com os óleos utilizados nos pacientes. O cego, que fala numa mistura muito particular de idiomas, responde à chamada do escritor dizendo que não se preocupe, que o óleo é bom, apesar da aparência que certamente tem neste momento. O escritor dá dois avisos. O primeiro é que ele não usa roupa íntima, ao que o massagista responde que não se preocupe, já que é cego. O segundo é que não se assuste ao chegar à perna direita e constate assim, de repente, que não vai haver nada a que continuar massageando. O cego fica em silêncio por um momento e logo o incentiva a se deitar de barriga para cima. Enquanto vai sentindo sobre seu corpo os dedos do ancião – que murmura um tipo de ladainha pronunciada em voz baixa e numa língua desconhecida – o escritor pensa que já elegeu a forma na qual levará a cabo o seu funeral, assim como o lugar de seu enterro. Ainda que pareça uma desproporção geográfica ou cultural, uma série de dervixes giradores dará voltas, durante infinitas horas, em torno de seu corpo. Estará envolto numa tela verde repleta de flores e terá como som de despedida o canto jubiloso que acompanha qualquer boda mística.